

POÉTICAS OCEÂNICAS DUAS CHAVES PARA COMPREENDER OS LUSÍADAS

Luiza Nóbrega

Aquele que se deixe apanhar por Camões há de ter pela frente um consistente aprendizado. Momentos de descoberta, surpresa, indagação, espanto, encantamento. Desconcertado ante a estranheza sedutora de um tempo em que se escreviam odes aos deuses e ninfas, preciosos e hiperlapidados criptogramas poéticos — herméticos; desarmado ante a gentileza e donaire com que se fala, ao modo cortês, dos deuses do amor e de suas emanções líricas em bosques, fontes, paços e jardins refletidos em espelhos mnemônicos; nosso neófito hipotético contemporâneo terá duas escolhas: largar os sonetos, éclogas, odes e canções — como um quinhentista arremessaria Lautréamont — para depois ou talvez nunca mais ou enveredar, na segunda escolha, pelos meandros poderosos daqueles versos, iniciando, nesse caso, um longo e proveitoso estudo. Anos depois, quem sabe, uará consigo num simpósio camoneano, defendendo, entre outras, sua tese interpretativa do Bardo.

Gênio Poético. Gênio Lusitano. Gênio Quinhentista. Gênio Universal. Gênio Épico. Gênio Lírico. Gênio Dramático. Gênio do Soneto. Gênio da Rítmica. Gênio da Língua. Gênio — enfim — ninguém contesta. E acrescenta-se: que esmolou, como Alighieri, teto e comida; que passou fome e vexame no país onde se vive de Camões (isso disse Almada Negreiros); que naufragou, combateu, foi ferido e, soçobrado à deriva, percorreu os tórridos e extremos continentes; que no decorrer dessa saga adquiriu amplo conhecimento, exotérico e esotérico; e compôs rimas — rimas que são há quatro séculos orgulho de Portugal, monumento da língua portuguesa, manual de poesia e fonte de tradições poéticas. Mais que fonte: elo conectivo entre antigos e modernos.

Camões é um poeta polissêmico e poliédrico (Pessoa, que se anunciará a si mesmo como o "Supra-Camões", será o desdobramento desse poliedro em estrutura ainda mais complexa e aberta). O texto camoneano abre-se à compreensão em diversos níveis. Tanto podem dele ocupar-se o jovem estudante não-iniciado como, longamente, o lingüista, o filólogo, o filósofo, o historiador, o geógrafo, o mitólogo, o astrônomo, o astrólogo, o psicanalista, o esotérico, o crítico literário e o poeta. São diversas suas vias de acesso. As interpretações e reflexões são também inumeráveis. Sendo gênio lírico, provoca sempre ressonância

psíquica; sendo estudioso de um conhecimento mais alto, transmitirá aos especialistas, em áreas as mais variadas, lições avançadas e teorias diversas. E ao leitor de poesia Camões (como o "Supra-Camões") se revelará como um "jardim de veredas que bifurcam." Ante esse labirinto, convém largar a pressa e acomodar-se à idéia de um prolongado percurso.

Esqueçamos, pois, a pressa e comecemos por adentrar um pouco uma questão pertinente ao eixo central da poética camoneana. Refere-se à leitura do nível poético n'*Os Lusíadas*. Na interpretação e compreensão de um poema, a instância última, porque cêntrica, é a poética. E qual a poética d'*Os Lusíadas*? Cabe aqui uma sugestão aos leitores do Épico: seguindo o encadeamento dos versos, deixando-se levar instintivamente pelo ritmo e começando então a discernir os enredos narrados, apurem o ouvido e captem, sob o discurso epidérmico, uma fala mais consistente, embora mais velada. Que fala é essa? Que diz ela? Que significado tem? Responder a essas perguntas equivale a transpor um patamar na compreensão da poética camoneana, patamar que deverá inevitavelmente ser transposto quando se desejar entender a razão maior pela qual o texto prende.

Mas como passar de um patamar a outro? É simples. Há que se ter duas chaves. Uma, a percepção do **símbolo**; outra, a percepção do **ritmo**. Captados ambos, logo transparece uma terceira percepção: a da correspondência que há entre **ritmo** e **símbolo**, remetendo ambos a um significado convergente. Captando-lhe **ritmo** e **símbolo**, sinestesticamente, compreende-se melhor o significado do Épico lusitano, adentrando seu coração poético-psíquico.

São duas chaves que, ditas assim, parecerão talvez muito óbvias. É aconselhável, contudo, não esquecê-las, pois sem elas o leitor percorrerá às cegas as rimas da epopéia, deixando de alcançar sua camada mais interna de sentido; e com elas, ao contrário, perceberá a fala subliminar ao enredo, construída por uma trama de jogos rítmicos-semânticos, e poderá responder que fala é essa, o que diz, que significado tem e por qual motivo o prende ao texto.

Ao ouvido assim mais apurado, a métrica estrófica d'*Os Lusíadas* porta a fala de ondas que se contrapõem, duas a duas, em estrofes de oito versos, arrematando-se, ao final de cada estrofe, como em paralelas uníssonas, em dois versos rimados coincidentes após seis alternados divergentes. Apurando ainda mais o ouvido em sensibilidade à semântica, essas ondas, contrapostas e conciliadas reiteradamente ao longo dos dez cantos, são ondas internas para além de externas; e, para além de oceânicas, são ondas psíquicas-poéticas. Quer isso dizer, em primeiro lugar, que se podem ler — nas entrelinhas d'*Os Lusíadas* — os conteúdos cen-

trais, em sua dinâmica, das psiquês camoneana, européia e medieval-renascentista, o que por si só já valeria no mínimo um livro; e em segundo lugar quer isso dizer que, enquanto os barões assinalados buscam o Oriente, o autor da epopéia, numa associação de lingüística e poética, desenrola sua psyché.

Os planos paralelos correspondem-se perfeitamente: **Os Lusíadas** são o épico da demanda transoceânica da Índia, que, no Canto V, Estrofe 68, é chamada metaforicamente "desejada parte Oriental". Mas que Índia era essa, em outras instâncias para além da geográfica? Respondeu Pessoa, o "Supra-Camões", inventando outra metáfora, a da "Índia Nova", expressa pela primeira vez no ensaio "A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico", que publicou na *Águia*, em 1912: "E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas "daquilo de que os sonhos são feitos". E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente.

Uma tese central, "Travessia Oceânica em Demanda do Lado Leste da Civilização", retomando em oitava superior o leitmotiv d'**Os Lusíadas**, propõe que as Navegações foram um ensaio geográfico, externo, de outro feito a ser cumprido no futuro, a demanda duma Índia não geográfica, e sim psíquica, o lado direito intuitivo, receptivo e contemplativo rejeitado ao longo de séculos pelo Ocidente conquistador. Uma "Índia Nova", que não se encontra no espaço, e que se busca "em naus que são feitas daquilo de que os sonhos são feitos", ou seja: de carga psíquica. É assim que os planos se correspondem: em náutica, **Os Lusíadas** são a Travessia Oceânica; em poética, o Oceano persiste como correlativo objetivo de Psyché.

Nesse contexto, a poética d'**Os Lusíadas** poderá ser definida como oceânica, entendendo-se o termo em sua dimensão rítmica—simbólica de confronto dual a pulsar ininterrupta e reiteradamente em busca da unidade, dando-se assim a convergência de sentido nas linhas como nas entrelinhas do texto.

É desse conflito em equilíbrio que resulta a força central d'**Os Lusíadas**, e aí está a razão de o seu texto atrair.

E essa descoberta há de ser apenas um começo — uma iniciação.